

# A MUDANÇA DE VALORES NUM MUNDO EM TRANSIÇÃO

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Presidente da Comissão Independente sobre a População e a Qualidade de Vida



## INTRODUÇÃO

O Centro Pompidou, em Paris, organizou um seminário sobre o tema «Valores para o século XXI». Convidada a participar numa das mesas redondas, deparei com a seguinte série de valores: «fraqueza, lentidão, frugalidade, disponibilidade». A inesperada configuração desta série deu-me a medida da intensa procura de valores que percorre hoje diferentes círculos. Tenta-se articular valores capazes de expressar uma outra filosofia de vida. Não ouvimos já, por exemplo, modernos politólogos referirem-se à liderança política como uma liderança de «competência» e «compaixão», valores que tradicionalmente atribuíamos a outras esferas da vida?

As várias séries de valores propostas (ou de atitudes apresentadas como valores) parecem definir ideais a alcançar, códigos de comportamento a adoptar.

A perspectiva deste artigo é a de tentar captar as tendências culturais que lhes estão subjacentes. Fá-lo, através não da tentativa de descobrir valores intemporais mas sim da análise de «um-mundo-em-transição».

## I. UM MUNDO EM TRANSIÇÃO

O processo de transição é hoje realçado a diferentes níveis. Com a queda do Muro de Berlim, falamos de *economias em transição*, significando com essa expressão a transformação das economias de planeamento central em economias de mercado. Praticamente ao mesmo tempo, o processo de transição democrática ganhou *momentum*. Na Europa, os países de regime comunista começaram a adoptar formas democráticas de governação. Também nos outros continentes se deram mudanças políticas inédi-

tas, como parte de uma tendência geral em direcção à «democracia».

Embora com um tempo de vida ainda curto, estes dois processos mostram já que seria falacioso pensar numa mudança repentina de regimes bem-consolidados para formas de sistemas político e económico que muitos consideraram como estando definidos de uma vez por todas e não oferecendo dúvidas. A transição aparece-nos, sim, como indeterminada na sua direcção, levando a um panorama político diferente daquele que se esperava. Nalguns países (por exemplo a Hungria) as fortes componentes rurais, com os seus valores de segurança e tradição, continuam a ser protagonistas importantes. O progresso tecnológico tornou-se um factor atraente para todos os países e, com ele, o interesse pelo sucesso e pela experimentação, a confiança nas máquinas, o desejo da novidade. Em alguns desses países a degradação ambiental tomou tais proporções (Polónia, Repúblicas Checa e Eslovaca, ex-RDA) que o pensamento ecológico terá de tomar o primeiro lugar com particular ênfase em: ciclos de vida, primazia de soluções orgânicas em detrimento de soluções mecânicas, primazia dos processos em relação aos mecanismos. Todos estes aspectos coexistem no mesmo espaço e tempo. Não é óbvio que possam interagir, e é possível que surjam conflitos. Uma firme direcção política pode valorizar uma das tendências.

Estes exemplos de sociedades em transição tornam mais compreensível a questão fulcral da educação para os valores: qual é a sua articulação, o seu grau de dependência, face às características da sociedade?

Uma questão surge necessariamente: como é encarada a educação para os valores? Será um mero instrumento do *statu quo*? Ou será uma tentativa para formar um critério acima e fora de todas as tendências sociais? Se a solução é a de incluir as tendências existentes, a quem compe-

tirá o critério de definir os valores? Se é, ao mesmo tempo, uma questão de resistência e uma tentativa de formar uma nova consciência, até que ponto será dada uma tônica ideológica à educação para os valores?

Posta a questão desta maneira, não nos parece possível uma saída para o problema. Os valores parecem não ser mais do que artifícios oportunistas. E se podemos emitir juízos sobre eles é porque estamos a ver a situação em movimento, num período de transição, quando as opções e as bifurcações parecem ser claras para aqueles que são meros espectadores. Vistos de dentro, a partir da situação da sociedade, os valores vão tomando formas diversificadas mas é na diferença entre o «antes» e o «agora», que alguma caracterização se poderá elaborar. É aí que os valores podem ser nomeados.

Penso que a educação para os valores exige ser vista, se não num «período de transição» (nem sempre a estabilidade formal permite ver a «transição» que se opera na sociedade), pelo menos nos seus diferenciais. É por isso que «um mundo-em-transição» oferece uma oportunidade única para uma reflexão sobre os valores no processo educativo. Um mundo em transição esvazia-se necessariamente das maneiras de pensar e dos juízos dominantes, das ideias e das normas adquiridas. O mundo tenta adaptar-se à novidade do desconhecido. É um período de «nunca mais» e de «ainda não», aparentemente vazio e, contudo, cheio da potencialidade necessária para uma clara reavaliação de valores. Por isso parece-me adequado tentar entender algumas das tendências dos «períodos de transição» – para que se captem algumas perspectivas que possam abrir caminho para os valores. Referir-me-ei particularmente aos processos sociais e aos fenómenos culturais.

## 1. PROCESSOS SOCIAIS NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

### *a) Novas estruturas de referência ideológica*

Como impacto directo das transformações que mencionei – a transição económica e democrática –, parece dar-se uma substituição dos antigos termos de referência ideológica por termos que lhes são opostos e que surgem com uma elevada carga doutrinária. É que as ideologias não morreram. Tendem a emergir a todo o momento como expressão de inquietação e incerteza e como substituição mecânica do que foi pelo que se julga que deverá ser.

Com o reforço do mercado, a competitividade permeia todos os domínios, com o seu séquito de atitudes, de que destaco a centralidade do *ego* e um modo de agir permanentemente conflitual. Sem qualquer clarificação filosófica, a posse, a propriedade, acentuam a tendência para o ter, a expensas do ser. As mediações utilizadas, nomeadamente todas as técnicas de *marketing*, diluem a fronteira entre o que é e o que parece ser. O sujeito fica assim diluído pelos mecanismos necessários para o total funcionamento do mercado (como se o «mercado» fosse uma entidade mágica, autónoma, com vida própria).

Englobando a economia e a política, o arquétipo do vencedor modela aspirações e desejos. A espiral do poder e da visibilidade, tendo o vencedor no centro, leva igualmente à marginalização do fraco, vulnerável e desorganizado. A liberdade que leva à luta pela democracia cria, paradoxalmente, zonas sociais de dependência ou de rejeição. Ambos os mecanismos derivam do mote «sempre mais»: mais coisas, mais liberdade, maior velocidade. O império do MAIS, da quantidade, aniquila a capacidade de julgar. Em nome da liberdade sem limites desaparece a capacidade de avaliar cada situação e as suas componentes; surge, para muitos, o limite da liberdade.

A sociedade está a reagir a estes fenómenos cegos. Têm sido criados mecanismos, a nível nacional, para analisar e julgar os problemas postos por novas formas das realidades sociais. Daí os «Conselhos» sobre o audio-visual ou os «Conselhos» ou «Comités» sobre a bio-ética. No entanto, estamos ainda tão convencidos que a não-regulamentação do Estado é um dever na economia, que falhamos na definição de polos institucionais de reflexão ética para os processos económicos ou políticos.

Como é que o sistema educativo se relaciona com este ambiente? Se, na sua macro-realidade, o sistema educativo «transporta» estes valores, como pode ele desenvolver outros valores a nível individual? Será o sistema educativo, esquizofrénico?

### *b) Globalização das questões*

Chegámos a este período da história após um tempo de divisão, separação, exclusão. Hoje deparamos com uma realidade que é global: uma única cadeia de informação mundial, um único tipo de música popular, um sistema de crédito e moedas interligadas, ..., estaremos a caminhar de um mundo bi-polar para um mundo uni-polar? E se assim fôr, quais serão as consequências para os valores?

As fronteiras, quando existem, parecem ser barreiras ténues através das quais circulam as pessoas, as mercadorias, o dinheiro. Nada parece poder ser contido num mundo que é estruturado por realidades globais.

Ao mesmo tempo, nesse panorama de aparente permeabilidade e uniformidade, diversificados e inesperados acontecimentos reforçam as fronteiras. Enquanto a globalização das questões parece criar um mundo cada vez mais unificado, deparamos com um doloroso, por vezes sangrento esforço para que cada cultura afirme a sua própria identidade e seja respeitada nessa identidade. O global e o local tornam-se os dois lados de cada realidade cultural e sociológica. A globalização leva a um alargamento de conteúdos de valores, bem como a novas maneiras de os formular. O enraizamento na cultura local (nacional, regional) leva a descobrir novas dimensões e mesmo novos valores.

Como poderemos então relacionar estes dois modos de viver e ver a realidade? Que valores existem na cultura mundial, bem como na cultura específica de cada grupo, de modo que a circulação entre os dois níveis seja possível? Através de que conjunto de valores comunicam eles? Que valores reforçam os dois polos? Como pode a educação evocar, ao mesmo tempo, o mundo como um todo comum partilhado por muitos, e a realidade local – país, cidade, escola – como zona específica, onde todos os valores serão expressos?

O que está então em risco não é uma mera acomodação de diversas realidades. É antes a descoberta da interligação dessas diferentes realidades.

Concentrando-nos na sua ligação mútua, destacam-se como relevantes os valores que residem nas *interfaces*. Eles sobressairão e iluminarão, de nova maneira, as duas realidades. É o momento de substituímos os antagonismos radicais de *ou/ou por tanto/como*. Como estamos longe das dicotomias de valores utilizadas em exemplos clássicos do juízo moral! A tradicional questão de «ou isto ou aquilo», gerada num mundo de separação, divisão e, por conseguinte, de polarização, dá lugar à compatibilidade de elementos que, durante muito tempo, foram considerados contraditórios. Nesse contexto, nenhuma questão permanece fechada em si mesma. A realidade não é uma série de coisas, mas uma cadeia de ligações. Todos os processos da vida deixam de ser vistos como partes de uma grande máquina e tornam-se gradualmente componentes de um grande pensamento.

Entrar nesse «pensamento» é, no limite, o objectivo da educação. Mais do que transmitir perspectivas mecanicistas sobre segmentos da vida, é a compreensão da própria vida nos seus processos que constitui o essencial da educação. Os valores estarão então intrinsecamente ligados ao seu contexto como parte integrante do conhecimento.

### c) A policentralidade social

A relação do local com o global não acontece dentro da lógica de um esquema hierárquico. O tecido social e cultural do mundo-em-transição é poli-centrado. A hierarquia dos acontecimentos está disseminada em diferentes redes de cultura e de sociedade.

Este fenómeno pode ser observado, nos seus extremos, na cadeia económica da produção e da distribuição do nosso tempo. A deslocalização de empresas, característica da última década, e provavelmente dos anos vindouros (devido ao crescimento económico que tem vindo a gerar), é exemplo desta situação. O emprego e o desemprego são gerados de modo descentralizado. O desemprego ocorre em locais onde uma empresa tem os seus escritórios centrais, enquanto a criação de empregos ocorre em lugares onde os lucros não são nem tributáveis nem redistribuídos. Assim, qualquer decisão relacionada com a direcção social e económica de tal empresa tem de abranger unidades desarticuladas e de ser formulada em relação a diferentes realidades sociais.

Este exemplo ilustra a necessidade de se englobar sempre, no sistema-de-valores, as múltiplas causas e consequências de qualquer acção. Se os valores são contextuais, tal não se deve a um simples relativismo de princípios, mas sim ao facto de que, fora da totalidade do contexto, eles podem ser irrelevantes ou mesmo inadequados.

## 2. OS NOVOS FENÓMENOS CULTURAIS

O mundo-em-transição faz já pressentir o que será a nova realidade. Isto é entendido, em primeiro lugar, pela cultura.

### a) Centralidade da informação

É óbvio que a maior transformação ocorreu no papel e no dispositivo da informação. Não se trata aqui de discorrer sobre a sociedade de informação, mas de constatar a centralidade da informação (e o nosso apetite pelo seu contínuo martelar nos nossos ouvidos e nos nossos olhos).



Podemos observar dois movimentos opostos nos padrões da informação. No primeiro, temos a informação fragmentada, episódica, relatada em 30 segundos. Notícias, histórias, publicidade, a toda a hora; informação dada com a finalidade de chamar a atenção, não para alargar os conhecimentos. No segundo movimento, está a tentativa de colocar toda essa informação junta, de modo a constituir um *puzzle* e obter, por fim, a percepção das coisas, algum conhecimento. Parece-me que estes dois movimentos podem ter um papel importante na compreensão da educação para os valores.

A informação emana de muitas fontes; contribui para um «barulho» crescente, uma mistura indiferenciada de sinais. A incapacidade de seguir uma simples informação é indício de que o «barulho» está para além da aceitação humana. A primeira questão ética é a seguinte: para não enlouquecer, tem de se alcançar o equilíbrio entre a informação e o barulho. É este o nível de sobrevivência na zona de informação. No entanto, a informação continua a afluír, inclusivé na sala de aula. Aparecem muitos sinais; a maioria tem vida instantânea, alguns são individualizados pela mente ou pelo coração, ou por ambos, e registados na memória.

Para que a vida humana possa encontrar um centro unificador, para que o conhecimento ganhe corpo, para que os valores éticos se enraízem, é necessário o segundo movimento: pôr tudo em conjunto, relacionar, ligar, fazer um todo coerente. E este movimento corresponde a um momento único: em breve será ultrapassado por outra informação que não aparece em camadas organizadas, mas em acontecimentos desconexos e em canais diversificados. Começa então o processo uma vez mais.

Ser capaz de tratar a informação que rodeia a pessoa humana é uma pré-condição de vida ética.

### **b) Interdisciplinaridade**

A interligação a que acima me referi torna-se inevitável na cultura nascida neste período de transição.

Dissemos que o mundo enfrenta, ao mesmo tempo, a globalização de questões, a erosão de fronteiras. Este facto não é apenas verdadeiro para os acontecimentos sociais e para os fenómenos, mas também para o próprio conhecimento.

A capacidade de reunir informação e de a organizar de modo significativo depende da compreensão do conhecimento. Um estudo recente editado pela UNESCO tem como título «*entre-savoirs*» – inter-saberes. Diríamos, em

termos mais convencionais, interdisciplinaridade. Não se encontra qualquer solução, qualquer ruptura, apenas na esfera de uma disciplina – a circulação entre diferentes campos e a sua inter-relação são ingredientes essenciais de um mundo-em-transição.

Uma das tarefas fundamentais da vida – em todos os níveis de criação e de execução – é explorar a passagem de um campo para o outro. A vida não está nos elementos, mas nas inter-relações. As fronteiras deixam de ter como significado aquilo que separa. Passam a significar aquilo que pode unir. É o trabalho das *interfaces*. É aí que a criatividade pode emergir, que se podem descobrir e elaborar novos pontos de vista.

Esta perspectiva não pode ser apreendida através de um tempo escolar fragmentado. No contexto da dispersão da informação, só é possível descobrir as linhas de fronteira quando se procurar alcançar o conhecimento através de problemas e não de disciplinas. Voltamos à velha questão de Chesterton: «O que existe de mais relevante do que ensinar o mundo?»

Considero que uma das grandes transformações dos anos vindouros será a da aprendizagem prática da interdisciplinaridade. Aí reside uma das questões éticas mais relevantes do mundo de hoje: a imperiosa necessidade de lidar com a vida e com os seus problemas reais. Defrontamo-nos com a chave-de-acesso à ciência à educação, à política, ao solucionar de problemas – lidamos com a questão da complexidade.

### **c) O acesso à complexidade**

Lidamos, em todas as fases do conhecimento e da aprendizagem, com elementos autónomos e, contudo, interdependentes. Esta dupla qualidade caracteriza um sistema ou qualquer dos seus sub-sistemas. A compreensão da evolução interna dos sistemas e da sua interacção está na raiz da ciência da complexidade.

A ciência da complexidade cria elevada turbulência e incerteza. É que, uma vez que se trata de realidades vivas, todos os cenários são apenas probabilidades. A complexidade é, assim, a pedra angular de toda a realidade viva. Alcançá-la-emos através do acesso à interdisciplinaridade e através do conhecimento centrado em problemas reais.

Mas antes de qualquer outra consideração, o facto mais importante nesta perspectiva é que tudo se relaciona com tudo. Nada está isolado, determinado por si só.

Situo-me aqui na fronteira entre a ética do conhecimento e a ética *tout court*. Penso que esta

fronteira não separa duas questões diferentes. Chegámos a um período da história em que o sujeito é veiculado na observação do objecto; em que o objecto adquire a autonomia do sujeito; em que sujeito/objecto formam um *partenariado*. O acto de saber veicula aquele que sabe. Talvez então a «educação-para-os-valores» possa ser simplesmente equiparada com a educação.

Concordo, assim, com aqueles que estabelecem uma relação entre a compreensão e o juízo, entre o conhecimento e a ética, mas apenas num ponto: o conhecimento no nosso tempo contém exigências específicas que encontram a raiz dos valores éticos.

## II. A MUDANÇA DE VALORES

Como acabámos de ver, um mundo-em-transição traz novas questões à educação para os valores. Mas, de igual modo, os valores são entendidos de modo novo e diversificado.

### 3. OS MITOS E O CONSTRUCTO SOCIAL

#### *a) Os mitos e os valores absolutos*

Na construção de valores intervêm dois tipos de elementos – os mitos primordiais, por um lado, e o constructo social, por outro.

Os mitos primordiais foram transmitidos, de geração em geração, como crenças fundamentais que estruturam a existência do indivíduo e a sua relação com os outros e com o mundo. Eles permeiam, implicitamente, muitas vezes inconscientemente, as mais elementares escolhas e decisões. Fornecem o último critério para decidir o que é «bom» ou «mau», sem que haja, frequentemente, por detrás dessa escolha, uma racionalização articulada. Neste contexto, os mitos criam valores que são muitas vezes valores absolutos, aparecendo como imperativo à consciência do indivíduo.

Os constructos sociais são modelos gerados pela organização social e que resultam dos diversos modos como um grupo de seres humanos estrutura a sua existência – as relações entre os jovens e os velhos, entre os homens e as mulheres, entre os vivos e os mortos, entre a presente geração e a geração vindoura; a articulação entre os diferentes tipos de actividade; a organização da propriedade e da solidariedade. A interacção de todos estes elementos conduz também a valores que são valores contextuais (por exemplo, a mudança no estatuto das mulheres nas últimas cinco décadas levou a

novos valores contextuais na relação entre os homens e as mulheres).

Os mitos dão significado, enquanto que os constructos sociais dão direcção. Os mitos precedem o indivíduo, enquanto que os constructos sociais podem ser alterados pelo indivíduo.

#### *b) Valores contextuais*

Uma sociedade ideal combinaria o equilíbrio entre o mito e o constructo social. Desta forma, os valores emergiriam como a interacção entre o mito e o constructo social – por vezes em harmoniosa combinação, outras vezes em tragédia inesquecível. A história de Antígona, na tradição Ocidental, é um desses casos. Embora neste século a história de Antígona, devido às descobertas de Freud, tenha sido substituída pela história do pai, Édipo, a sua tragédia continua a ser um paradigma das duas fontes de valores.

Antígona, levada pelos mitos primordiais do seu povo, entra em conflito com o constructo social da organização política da sociedade de Tebas. Na Grécia, o significado de cidade transporta uma definição muito clara dos fundamentos da organização política: a obediência à lei é vista como o ingrediente básico de qualquer julgamento sobre o comportamento individual. Daí a força de Creonte ao afirmar que, se não defender tal lei, o seu papel de rei não teria qualquer significado. Mas Antígona aparece à boca da cena ao assumir outra atitude: ela terá de obedecer, primeiro que tudo, às leis, não escritas, do respeito pelo indivíduo – pelo seu irmão, cuja traição o deixa sem sepultura.

Na decisão de Antígona há mais do que um gesto de rebelião. Há o respeito por todos os seres humanos (mesmo por aqueles que se tornaram proscritos por sua própria vontade); há os laços de fraternidade (mesmo aquele que ficou manchado pelo duplo crime de Édipo e Jocasta); há a coesão entre os seres humanos, apesar de todas as fronteiras que os separam (mesmo o facto de Antígona e Isménia terem tomado conta do pai cego enquanto os dois irmãos se demitiam das suas obrigações).

A atitude de Antígona ilustra que, no domínio dos mitos primordiais, existe uma riqueza de realidade simbólica da vida que dá consistência aos valores. A força da realidade simbólica não reside apenas no facto de abrir a prática do indivíduo à dimensão espiritual; reside também na sua capacidade intrínseca de subverter outros valores.

Quando desprovidos da dimensão simbólica, os valores perdem autonomia e confundem-se



facilmente com normas morais e até com convenções sociais. Mas, paradoxalmente, os mitos primordiais podem também levar a convenções sociais, numa série de processos reducionistas. Ao longo do percurso para os valores, os mitos primordiais podem traduzir-se em ideologias rígidas. Quando estas ideologias penetram na sociedade, criam uma série de normas que são a essência das convenções sociais.

O quadro de referência do simbólico é uma fonte essencial para os valores – para além das realizações cognitivas, da aprendizagem técnica, do processo dinâmico de aprender, para além de tudo isso, a abertura ao simbólico é a base de todos os caminhos do desenvolvimento espiritual e moral. A importância da primazia do simbólico advém do reconhecimento da superioridade da zona de mistério em relação à racionalidade em toda a sua eficácia e lógica. Não nega a racionalidade, mas afirma que a racionalidade cobre apenas um aspecto da própria percepção que cada ser tem da vida.

Neste contexto, a educação é o processo através do qual se ganha a percepção de e o acesso ao lugar em que o simbólico ilumina e clarifica todo o campo do conhecimento. «Educação para os valores» é, acima de tudo, o caminho e o método que permitirão a todos os que estiverem envolvidos no processo, penetrar no universo do simbólico.

É minha convicção que, face a um mundo-em-transição, teremos de descobrir de novo os mitos primordiais e o constructo social em que vivemos.

Antes de abordarmos quaisquer metodologias em termos de educação para os valores, temos de nos perguntar entre Europeus:

- quais os mitos primordiais que se ajustam à nossa cultura? Onde está a origem da força dos valores? Quais as histórias que têm energia espiritual?
- Quais os pilares do nosso constructo social, do nosso viver em conjunto? O que é que tomamos como um dado em relação a nós próprios, aos outros, às coisas, à natureza, aos acontecimentos? Quais as regras ocultas do nosso espaço de vida?
- Há valores absolutos? De onde derivam? Seremos capazes de repensar os nossos valores contextuais, independentemente das ideologias ou escolas de pensamento? Não haverá algo a fazer com a finalidade de situar os valores tanto no domínio mítico como no sociológico?

#### 4. A PESSOA NA ENCRUZILHADA DE VALORES

A pessoa humana, o sujeito, o «eu» que dá sangue e carne aos valores, que os faz únicos, é o actor principal da equação dos valores. A educação para os valores afigura-se-me como o processo pelo qual a consciência de cada ser humano se apropria dos valores, num processo de alquimia totalmente novo. Nesse processo distingo três aspectos relevantes.

##### a) *A contemporaneidade integrada*

A sensação de tempo é crucial neste processo de apropriação. Cada momento oferece uma oportunidade de bifurcação, de modo a que se façam escolhas, se tomem opções, se escolham os caminhos a seguir. Significa isto que a educação para os valores incorpora as consequências da contemporaneidade integrada – estar presente no seu próprio tempo. Nem o armazenar de conhecimentos nem o estudo filosófico dos valores pode substituir a apropriação que o indivíduo faz do pensamento contemporâneo, da organização e das experiências humanas e sociais do nosso tempo. Tudo o que for ensinado terá de ser veiculado através da cultura e dos acontecimentos de hoje.

##### b) *Compromisso com: natureza e gerações futuras*

As novas condições do mundo de hoje conferem uma nova relevância à dimensão futura do tempo.

Como a natureza se tornou parte da história, afirma a sua existência como uma categoria filosófica, constituindo-se como participante naquilo a que Michel Serres chama o «contrato natural». A responsabilidade pela natureza, pela preservação do seu futuro, assume novas dimensões na educação ética. As muitas facetas de tal responsabilidade são óbvias nas manifestações frequentes de catástrofes naturais ou causadas pelo homem e nas desastradas tentativas de as remediar.

O compromisso em relação ao futuro está também presente de outra forma. Ao salvaguardar a natureza (e quando se acentua a consciência de que estamos no limiar de mudanças catastróficas durante as próximas décadas), estaremos também a salvaguardar a vida das futuras gerações, de um modo como nenhuma outra geração teve de o fazer em anteriores períodos de história.

Finalmente, esta pessoa-no-mundo é sempre uma pessoa-com-outras-no-mundo. E este ser «com-outras» é tão vital que se pode tornar o

último valor pelo qual a vida do indivíduo pode ser medida. «O futuro reside no homem ou mulher que consiga viver como um indivíduo, consciente, dentro da solidariedade da raça humana. Usará então a tensão existente entre a individualidade e a solidariedade como fonte da sua criatividade ética.»

Que significa isto actualmente? Quais as expressões de tal solidariedade? Como pode ser aprendida? A maioria das gerações de adultos são ainda do tempo em que os compromissos colectivos causavam grande impacto. O «projecto da sociedade», o «projecto alternativo», entre outras expressões, foram símbolos deste tipo de solidariedade. Mas, as alternativas desapareceram. Muitas pessoas refugiaram-se num total individualismo: o desejo pessoal, as carreiras pessoais, a realização pessoal. Onde, então, encontrar as fontes para esta intensa participação na «solidariedade da raça humana»? Talvez que a oportunidade dos educadores, actualmente, seja a de redescobrir essa solidariedade em conjunto com os seus alunos.

Finalmente, a pessoa que elabora a equação pessoal de valores é rapaz ou rapariga. Espontaneamente, homens e mulheres parecem estar aptos a entrar no mundo dos valores por portas diferentes. (O trabalho de Carol Gilligan, na sequência da investigação de Kohlberg, mostra à evidência.) A educação não pode passar ao lado dessa evidência. Se for capaz de ir até aos jovens por essas portas bem diferenciadas, abrirá novas perspectivas para a sociedade. O nosso mundo necessita de ambos os tipos de valores. Mas precisam de ser apreciados, descobertos, articulados, partilhados.

### III. OS VALORES NA EDUCAÇÃO

#### 5. A PROCURA DE NOVOS PARADIGMAS

Estamos a falar de valores numa época em que é manifestamente necessário um novo paradigma. À lógica do «mais», à força e absolutismo do «vencedor», levantamos objecções fundamentais. O mundo não consegue absorver «sempre mais», nem a terra pode aguentar a crescente exploração de recursos. Não podemos continuar a prosseguir serenamente por um caminho em que milhões de seres humanos se tornam cada dia mais destituídos.

O progresso linear terminou. O crescimento não é solução. Durante um tempo, mesmo há 20

anos, era possível afirmar que o crescimento, o progresso, o desenvolvimento, o avanço, eram o caminho para a tecnologia. Mas como Rollo May já então salientou, «na ética, na estética, noutras matérias do espírito, o termo progresso não tem lugar nesse sentido». Actualmente, podemos salientar que, mesmo na tecnologia, esse progresso não tem sentido. Muitos progressos científicos são possíveis e, no entanto, não são aceitáveis nem desejáveis socialmente. Chegámos ao momento dos limites. Um novo entendimento dos valores tem de ser descoberto, posto à prova, tornado visível, apreciado.

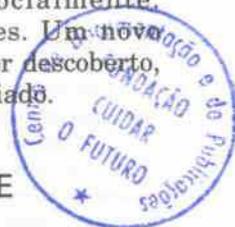
#### 6. A APRENDIZAGEM PERMANENTE

As transformações verificadas em todos os níveis da sociedade, bem como na nossa percepção das coisas e dos acontecimentos, deixam-nos desarmados. Ninguém dispõe da informação ou dos instrumentos necessários para fazer face às situações. Assim, todos aqueles que se encontram envolvidos na educação, têm de descobrir que também eles são aprendizes. Este facto revela claramente a principal mudança: da educação para a aprendizagem permanente.

Isto pressupõe uma mente que interroga, uma atitude dinâmica e uma capacidade para continuar a reformular o nosso próprio entendimento das coisas e as nossas convicções pessoais. Acima de tudo, a vida deverá ser entendida como um sistema de aprendizagem, onde cada elemento fornece informação e ajuda a responder às próprias questões. A aprendizagem permanente só é possível numa relação de *partenariado*.

Primeiro que tudo, a atitude dinâmica. Isto é, uma mente que se questiona não opera no vazio. O essencial é que, a qualquer momento, a informação e a sua interpretação possam estar bem «armazenadas» e seguras. Só assim se pode, face a um novo estímulo, formular uma nova questão. Neste sentido, a chave não está na acuidade intelectual, mas na segurança afectiva, que permite desafiar o limiar da estabilidade, que permite dar saltos «quânticos», que permite «fazer surf» através das ondas da transformação social.

O processo de aprendizagem permanente resulta também do facto de, a partir da Segunda Guerra Mundial, se terem feito mais descobertas do que em toda a história anterior a este período. O avanço do processo cognitivo, a partir dos anos 30, faz dos grandes cérebros do início deste século, novos clássicos – eles distinguem-se como



homens e mulheres sábios, cujas obras nos premiaram com novos conhecimentos, novos padrões de interpretação, novos caminhos conducentes ao mundo simbólico. Uma iniciação aos valores é ainda a descoberta desses novos clássicos e a sua apropriação ao projecto de vida

do indivíduo. É algo que ainda não se fez. Se houver participação na aprendizagem, creio que deveria começar pela descoberta em comum dos tesouros da sabedoria que os novos clássicos trouxeram. Para trazer de volta a história às realidades de hoje.

---

---

## RESUMO

Um mundo-em-transição – com os seus múltiplos processos sociais e os seus novos fenómenos culturais – fornece uma oportunidade única para se entender o processo de formação dos valores.

Os valores emergem na sociedade a partir de duas fontes principais. Os mitos primordiais exprimem-se não só nas “histórias” que os narram mas sobretudo em imperativos morais contendo valores implícitos. Neste sentido, alguns valores aparecem como pertencendo ao domínio do absoluto. Ao mesmo tempo, todos os valores estão sujeitos a um processo de construção social e são, assim, profundamente contextuais.

A educação para os valores é antes do mais a criação de condições para que cada indivíduo possa elaborar a sua equação pessoal dos valores. Uma dificuldade específica do nosso tempo reside no facto de os paradigmas dominantes não serem já aceitáveis e de não estarmos ainda satisfeitos com as tentativas de formulação de novos paradigmas. É por isso que a aprendizagem permanente é, mais do que nunca, necessária.

## RÉSUMÉ

Un monde-en-transition – avec ses multiples phénomènes sociaux et ses phénomènes culturels nouveaux – est une opportunité unique pour saisir le processus de formation des valeurs.

Les valeurs émergent dans la société en provenance de deux sources principales. Les mythes primordiaux sont perceptibles non seulement dans les “histoires” qui les racontent mais surtout dans des impératifs moraux qui présentent autant de valeurs implicites. Dans ce sens, certaines valeurs apparaissent comme relevant du domaine de l'absolu. En même temps, toutes les valeurs sont soumises à un processus de construction sociale et sont, ainsi, profondément contextuelles.

L'éducation pour les valeurs est, avant tout, la création de conditions pour que chaque individu puisse formuler sa propre équation personnelle des valeurs. Une difficulté spécifique de notre temps est le caractère périmé des paradigmes dominants et la relative imperfection de quelques paradigmes qui commencent à s'ébaucher ici et là. L'apprentissage permanent devient, de ce fait, plus que jamais nécessaire.

## ABSTRACT

A world-in-transition – with its multiple societal processes and its new cultural phenomena – provides a good opportunity to seize the process of values in the making.

Values emerge in society from two main sources. Primordial myths are felt not only as “Stories” but also as moral imperatives with their implicit values. In This sense, some values can be said to be absolute. At the same time, all values are subject to a process of social construction and are thus profoundly contextual.

Education for values is first of all the creation of conditions for individuals to elaborate their own personal equation of values. A particular difficulty of our time is the fact that the dominant paradigms are not anymore acceptable and we are not yet at ease with the attempts to formulate new ones. This is why lifelong learning is more than ever necessary.

